

# Adélia Prado – Ausência da poesia

Aquele que me fez me tirou da abastança,  
há quarenta dias me oprime no deserto.  
O político morreu, coitado.  
Quis ser presidente e não foi.  
Meu pai queria comer.  
Minha mãe, peregrinar.  
Eu quero a revolução mas antes quero um ritmo.  
Ó Deus, meu filho me pede a bênção, eu dou.  
Eu que sou mau.  
Por que, para mim, nem mel de vespas?  
Eu que disse na praça, expondo-me  
– dançai maltrapilhos, vamos seguir o tambor,  
o Reino é subjacente mas existe –,  
não sei responder a este motivo:  
'as torres ficam mais eternas às duas horas da tarde'.  
Vejo a mangueira contra a nuvem preta,  
meu coração se aquece,  
mais uma vez me iludo de que farei o poema.  
Tudo que aprendeu no bandalho  
a marafona convertida faz para o êxtase místico;  
mesmo que a costureira chegue na porta da rua  
chupando o pilão com a língua,  
eu acho bonito.  
Me tentam a beleza física, forma concreta de lábios,  
sexo, telefone, cartas,  
o desenho amargo da boca do Ecce Homo.  
Ó Deus de Bilac, Abraão e Jacó,  
esta hora cruel não passa?  
Me tira desta areia, ó Espírito,  
redime estas palavras do seu pó.  
No país tropical grassa duro inverno.  
Estou com meias, paletó e ânsias.

**Adélia Prado, 0 coração disparado**